

António Tadeia

Do sonho à vitória

Biografia
Fernando Santos

OFICINA
DO LIVRO

Título original: *Do sonho à vitória*
© 2018, António Tadeia
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Capa: Carlos Miranda
Fotografia: ©Anadolu Agency/Getty Images
Revisão: Eurico Monchique
Paginação: LeYa
em caracteres Sabon, corpo 12
Impressão e acabamento: Multitipo

1.^a edição: maio de 2018
ISBN: 978-989-741-957-7
Depósito legal: 439 281/18

Oficina do Livro
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdoba, 2
2610-038 Alfragide
Tel.: 214 272 200, Fax: 214 717 737
E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.pt

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Índice

Prefácio	7
I O padrinho	15
II «Vou jogar para o Benfica!»	29
III Do Benfica ao Estoril à boleia de Hagan	39
IV Rir muito e jogar futebol.	53
V Engenheiro	67
VI Três anos de profissionalismo	81
VII Em casa: o futebol como <i>hobby</i>	97
VIII Treinador e de primeira.	113
IX A «quarta-feira europeia» e outras histórias	131
X «Bom dia, só se for para ti!»	149
XI De cavalo para o penta	169
XII De exilado a presidente da República	191
XIII Órfão de Quaresma e Ronaldo em Alvalade	209
XIV O «pesadelo» Simão e a urgência de ganhar	223
XV As seleções como ambiente natural	239
Anexo I	255
Anexo II	269

Prefácio

Quando, no Europeu de 2016, que nem estava a correr nada bem a Portugal, ouvi Fernando Santos dizer que só voltava a casa a 11 de julho, um dia depois da final de Paris, e que regressaria em festa, senti imediatamente tocar a campanha dos famosos «*mind games*», os jogos mentais que a cada dia se vão tornando mais importantes no futebol moderno. Entre os jornalistas que por lá andavam, a maior dúvida não era se o selecionador acreditava naquilo que estava a dizer — e acho que quase todos julgávamos que não, que não acreditava, e que estava a dizê-lo apenas como estratégia motivacional para uma equipa à qual dois empates contra seleções inferiores já tinham roubado muita da crença com que partira para o estágio em Marcoussis. A maior dúvida, dizia, era se Fernando Santos conseguiria convencer alguém, até mesmo dentro do balneário, daquilo que acabava de dizer. Passados dois anos, é verdade que o facto de a profecia santista se ter concretizado em pleno também pode ter acordado muitos crentes que teriam a fé dormente, mas a convicção geral das pessoas que entrevistei para contar a história da vida do selecionador é a de que ele acreditava plenamente. E que isso terá sido o suficiente para contagiar todo um grupo, que encontrou

nesta crença inabalável uma nova arma. Para mim, que sou agnóstico, esta não é sequer uma realidade fácil de entender, quanto mais de explicar. Mas Fernando Santos enuncia-a com naturalidade. «A fé está no meu dia a dia. É como respirar. A minha fé faz parte da minha respiração»¹, diz, assegurando que «um homem com fé não tem medo de nada»².

A história de Fernando Santos é muito uma história de fé, mas, embora as duas coisas acabem por andar a par, não pode ser confundida com a relação que o engenheiro tem com a Igreja Católica. Porque a fé não tem de ser apenas em Deus. O selecionador nacional foi educado de forma católica. Foi batizado, fez a Primeira Comunhão, o Crisma, casou pela Igreja, batizou os dois filhos e até os pôs a estudar em colégios religiosos, Cátia no Amor de Deus, em Cascais, e Luís nos Salesianos, no Estoril. Muito já se disse e escreveu acerca da viragem que a sua vida conheceu em 1994, quando foi despedido do Estoril e aceitou ao convite de um casal amigo para fazer um curso de cristandade — o próprio Fernando Santos reconhece que se tornou aí uma pessoa diferente. «Percebi que Cristo está vivo. Porque eu acredito que Ele ressuscitou. Ser cristão não é mais nem menos do que ter a certeza de que Cristo ressuscitou. Acredito na ressurreição, que a vida é uma passagem, algo que não acaba, que a morte não existe.»³ É verdade que já antes disso, em viagens ao Norte, a equipa do Estoril que Santos treinava fazia a tradicional paragem para desentorpecimento de pernas no santuário de Fátima, em vez de a fazer numa estação de serviço — hábito que o treinador manteve no Estrela da Amadora e,

¹ *Observador*, 14 de dezembro de 2016

² *Alta Definição*, SIC, 21 de novembro de 2015

³ *Expresso*, 14 de novembro de 2015

depois, no FC Porto, embora aí no sentido inverso. Nos dragões, de resto, essa paragem em Fátima tinha o encorajamento do presidente Pinto da Costa, também um devoto a Nossa Senhora. Mas a partir de 1994 Santos passou a envolver-se mais. Em casa tem um altar junto à cama, que usa para rezar ao acordar e ao deitar-se. Em estágio, os responsáveis pela logística já sabem que precisam de saber onde fica a igreja mais próxima e que, às 11 e 45, tem de estar um táxi à porta do hotel para o levar lá a tempo da eucaristia. Até emigrar para a Grécia, o envolvimento de Santos chegou ao ponto de fazer a preparação de casais para o matrimónio. E no fim dos jogos que lhe correm bem, os agradecimentos a «Deus Pai» são atos sem os quais não passa — como fez, de resto, após a vitória na final do Europeu de 2016.

E, no entanto, estes são apenas os fins, os aspetos visíveis. Levam uns a emocionar-se, passam indiferentes a outros, mas a verdade é que não são o mais relevante. O que mais importa neles é que refletem aquilo que é Fernando Santos: um homem de fé. Uma fé que terá mantido sempre, mesmo nos tempos em que andava afastado da Igreja. Uma fé que já o alimentava mesmo quando andava na palhaçada com os colegas de equipa, da mesma forma que ainda o alimenta quando abusa do português vernáculo no relacionamento com os jogadores, quando joga cartas a dinheiro ou se entrega aos prazeres desta vida. Santos é um homem de fé, não é um beato na aceção usada pelos anticlericais para ridicularizarem a expressão. A carta que o selecionador leu antes de permitir qualquer questão, na conferência de imprensa que se seguiu à vitória na final do Europeu, contra a França, é uma das provas vivas dessa fé. Nela, Fernando Santos agradecia a Deus, ao presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes, a toda a direção e aos jogadores, mas mencionava também a mãe,

a mulher, os filhos, o neto, o genro, a nora e o pai, «que junto de Deus está certamente a celebrar»⁴. E o importante é que essa carta tinha sido escrita após o segundo empate na fase de grupos, quando nem a passagem aos oitavos de final seria dada como segura pela maioria dos observadores. Os jogadores não a conheciam, mas tomavam contacto diário com a fé que o líder tinha neles. «No estágio, todos os dias, mas todos os dias, nas palestras, ele falava em chegarmos à final»⁵, contou depois Bruno Alves, defesa-central da seleção campeã europeia. O guarda-redes Beto faz as coisas recuar ainda mais e recorda o que o selecionador disse à equipa no dia em que se estreou aos seus comandos, ainda em outubro de 2014, igualmente no Stade de France, em Paris: «Não vamos ao Europeu só para participar. Acredito que a 10 de julho de 2016 vamos estar aqui de novo, neste estádio, para disputar a final e ganhar.»⁶ E nessa altura Portugal tinha apenas um jogo — uma derrota em casa com a Albânia — na fase de qualificação.

Para explicar a fé, não tem sequer de se falar em Deus ou na Igreja. Esta fé inquebrantável, diz quem conhece Santos e com ele viveu ambientes de balneário, contagia-se às suas equipas. «Nas conferências de imprensa, não lhe vê medo no discurso. Diz sempre que acredita, e isso, repetido muitas vezes, dá este sentimento de poder à equipa. A fé dele é muito grande, mas é um bocado natural. Não soa a falso. Quando ele diz “Fico aqui até 11 de julho”, a malta pensa: “Este gajo é maluco!” Mas isso depois transmite-se à equipa»⁷, garante Luís Norton de Matos, ex-companheiro de Santos no Benfica e no Estoril, que depois também se

⁴ Fernando Santos, 10 de julho de 2016

⁵ *Sábado*, 12 de julho de 2016

⁶ *Sábado*, 12 de julho de 2016

⁷ Entrevista a Luís Norton de Matos, 28 de março de 2018

tornou treinador. «Foi uma fé que ele teve, que arrastou com ele todo um grupo para procurar a superação. Foi uma mensagem de impacto, que acabou por envolver não só o grupo de trabalho mas todo o povo português. Foi um ato de coragem, mas muito um ato de fé»⁸, considera Domingos Paciência, que foi jogador do engenheiro no FC Porto e também é hoje treinador. «Até nos momentos menos bons, ele foi mantendo a mesma fé. E isso eleva o grupo. Ele fez de um grupo que nem de perto nem de longe foi a melhor seleção que Portugal alguma vez teve um grupo muito forte. E foi campeão europeu»⁹, junta Paulinho Mendes, outro dos ex-pupilos de Santos que já são treinadores. «Até tive uma zanga com colegas, que me diziam que eu só acreditava no que ele estava a dizer porque tinha sido jogador dele, que ele estava a dizer aquilo só para tirar a pressão. Mas ele já era assim no PAOK. Ele sempre acreditou. A vê-lo naquela conferência de imprensa, vi nos olhos dele que ele estava a dizer aquilo em que acreditava mesmo»¹⁰, conclui Edinho Silva, que ainda joga, no Vitória de Setúbal, e trabalhou com Santos na Grécia.

O próprio Fernando Santos concorda que a fé pode influenciar um balneário. Na palestra que antecedeu a final com a França, o seleccionador usou uma frase do Evangelho. «Neste jogo, vamos ter de ser simples como as pombas e prudentes como as serpentes [Mateus 10].»¹¹ Mas ao mesmo tempo que recorre ao discurso bíblico, o treinador transporta-o para a realidade terrena. «Se isso pode influenciar? Sim, pode. Agora: não influencia nem o treino, nem a estratégia, nem a análise, nem a relação com os meus joga-

⁸ Entrevista a Domingos Paciência, 27 de abril de 2018

⁹ Entrevista a Paulo Mendes, «Paulinho», 29 de abril de 2018

¹⁰ Entrevista a Edinho Silva, 20 de abril de 2018

¹¹ *Observador*, 14 de dezembro de 2016

dores. Isso não influencia nada. Tenho fé, mas não tenho fezadas. E não acredito em milagres caídos lá de cima»¹², explica. No fundo, o que está em causa é evitar o instalar do desânimo, aproveitar aquele um por cento que uma equipa dá a mais se tiver fé no que está a fazer. Não é que seja fácil, porque para o conseguir é preciso ser genuíno, tem de se acreditar mesmo. «Uma vez, disse-lhe: “Deve ser ótimo ter tanta fé.” E perguntei-lhe: “Como fazes para a ter?” E ele respondeu: “Ou se tem ou não se tem.” Insisti: “Mas aprendeste a tê-la?” E diz ele: “Não. Apareceu-me e ficou”»¹³, conta António Fidalgo, amigo desde os tempos do Estoril, com quem Fernando Santos se lançou como treinador. «Não me surpreendeu que ele definisse aquele objetivo para o Europeu, embora na altura eu próprio não acreditasse. Mas ele acreditou e definiu muito bem o objetivo. Não foi só para motivar o grupo. Quando definimos objetivos, não quer dizer que consigamos atingi-los, mas temos muito mais possibilidades se os definirmos corretamente e se acreditarmos»¹⁴, explica ainda Fidalgo, que se tornou especialista em Programação Neurolinguística.

Na verdade, Santos acreditava mesmo. E é nesta capacidade de acreditar, de ter fé, que funda, por exemplo, as constantes referências que faz ao pai, Francisco, figura basilar na sua vida e na sua construção de personalidade. O Ti' Chico, como a ele se referem os amigos de Santos que ainda o conheceram, faleceu em 1997, antes de o engenheiro ir treinar o FC Porto, nem sequer era homem de muita fé. Religiosa, pelo menos. «Tenho a certeza absoluta de que ele me vê. É mais do que uma convicção»¹⁵, sustenta Santos,

¹² *Observador*, 14 de dezembro de 2016

¹³ Entrevista a António Fidalgo, 10 de março de 2018

¹⁴ Entrevista a António Fidalgo, 10 de março de 2018

¹⁵ *Alta Definição*, SIC, 21 de novembro de 2015

que depois conta uma história que faz vacilar até um agnóstico. «No dia em que fui campeão pelo FC Porto, dediquei a vitória ao meu pai e a Deus. No dia a seguir, fiz o que faço sempre que posso e fui à eucaristia à tarde. E quando ia a caminho da eucaristia, ia a pensar, na Avenida dos Combatentes, e a dizer: “Ó Chico, dá lá um sinalzinho da tua alegria.” À porta da Igreja das Antas estava um rapaz, que era o Rui Pedro, um pedinte que costumava estar ali sempre, que precisava de ajuda e com quem eu às vezes me entretinha a falar. Mas conhecia-o só de conversar: “Olá, estás bom? Tudo bem?” E quando cheguei à porta da igreja, o Rui Pedro chegou ao pé de mim e disse-me: “Míster, parabéns! Tenho aqui uma prenda para si.” E eu: “Uma prenda para mim? Tu és maluco? Eu é que devia dar-te uma prenda. Ganhei o campeonato, vou receber um prémio.” E ele insistiu: “Mas gostava muito que aceitasse.” E eu fiquei satisfeito, naturalmente. Quando entrei na igreja, com curiosidade, fui ver o que o Rui Pedro me deu. No dia em que eu tinha feito o exame da 4.^a classe, o meu pai ofereceu-me como prenda um conjunto de canetas *Parker*, pretas, em aço inoxidável, com o meu nome gravado a branco: “Fernando Santos”. A de tinta permanente, sempre a tive. Mas a esferográfica, perdi-a muito cedo. Portanto só tinha uma no conjunto. Quando eu abri o embrulho que o Rui Pedro me deu, era uma *Parker*, em aço inoxidável, preta, com o meu nome escrito a branco: “Fernando Santos”. Portanto, tenho a certeza.»¹⁶

¹⁶ Alta Definição, SIC, 21 de novembro de 2015